

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2019-04-29

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Amorim, P. & André, P. (2017). Civics, redes sociais, e poder: relações criativas. In Livro de Atas V Congresso Internacional Cidades Criativas. (pp. 972-985). Porto: CITCEM.

Further information on publisher's website:

<http://www.citcem.org/publicacoes/outras>

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Amorim, P. & André, P. (2017). Civics, redes sociais, e poder: relações criativas. In Livro de Atas V Congresso Internacional Cidades Criativas. (pp. 972-985). Porto: CITCEM.. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

CIVICS, REDES SOCIAIS, ESPAÇO E PODER: RELAÇÕES CRIATIVAS

PAULA ANDRÉ

Professora Auxiliar
Escola de Tecnologias e Arquitectura. ISCTE-IUL
Instituto Universitário de Lisboa
Av. das Forças Armadas (Portugal) CP 1649-026.
Email: paula.andre@iscte.pt

PATRÍCIA AMORIM

Doutoranda
Escola de Tecnologias e Arquitectura. ISCTE-IUL
Instituto Universitário de Lisboa
Av. das Forças Armadas (Portugal) CP 1649-026.
Email: pscam@iscte-iul.pt

Resumo

O biólogo e urbanista Patrick Geddes, representante do movimento britânico Town Planning, precursor do planeamento regional, procurou fomentar o valor cívico urbano do habitante através de exercícios do olhar sobre o território e através de mostras urbanas, criando no início do séc. XX o conceito de civics. Geddes parte do estudo das relações de simbiose conceptualizadas na biologia como processos de entreaajuda entre espécies com um objectivo comum, e aplica-as à cidade e aos seus habitantes. Através do seu conceito operativo civics Geddes promoveu uma relação afectiva com o território. Consideramos que é necessário, para além do conhecimento histórico, captar as tendências coevas e os fenómenos em marcha, pelo que tomamos como objeto de estudo um movimento político-cultural de carácter popular e lúdico, designado por Praia da Estação, realizado numa das praças mais importantes da cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil. O movimento "Vá de Branco", organizado nas redes sociais, ocorreu a 7 de Janeiro de 2010, juntando cerca de 50 pessoas que procuravam respostas do poder público em relação à decisão de proibir eventos de qualquer natureza na Praça da Estação. Os ativistas decidiram marcar encontros na praça aos sábados, com piquenique, bebidas, biquíni e calção, toalhas, chapéus, tambores e guitarras. A primeira Praia da Estação foi realizada no dia 16 de Janeiro de 2010 e a partir desta data foi instituído o encontro todos os sábados do verão. A Praia da Estação gerou vários outros pontos de debate em relação à ocupação dos espaços públicos da cidade, além de ter agregado um imenso número de pessoas da classe criativa, que aproveitaram tal encontro para gerar novas formas de manifestações culturais, como o surgimento de novas bandas, colectivos de arte e produção cultural.

Abstract

The biologist and urbanist Patrick Geddes, representative of the British movement Town Planning, a forerunner of the regional planning, sought to foster the urban civic value of the inhabitant through look exercises at the territory and through urban demonstration, creating at the beginning of the 20th century the civics concept. Geddes starts from the study of symbiotic relationships conceptualized in biology as processes of mutual aid between species with a common goal, and applies them to the city and its residents. Through his concept of civics Geddes fostered an affective relationship with the territory. We consider that it is necessary, in addition to historical knowledge, to capture the coeval tendency and the phenomena that are taking place, reason why we take as object of study a political-cultural movement of popular and playful character denominated as Praia da Estação, which took place in one of the most important squares of Belo Horizonte city, state capital of Minas Gerais, Brazil. The "Vá de Branco" movement, created on social networks, took place on January 7, 2010, bringing together about 50 people who sought answers from the public authorities regarding the decision to ban events of any kind at Praça da Estação. The activists decided to meet in the square on Saturdays, having a picnic, drinks, bikini and shorts, towels, hats, drums and guitars. The first Praia da Estação was held on January 16, 2010 and from this date was set up a meeting on every summer Saturday. Praia da Estação created several other points of debate in relation to the occupation of the public spaces in the city, and brought together an immense number of people of the creative class, who took advantage of such encounter to generate new forms of cultural manifestations, as the emergence of new bands, art collectives and cultural production.

PALAVRAS CHAVES

Civics, redes sociais, Praia da Estação, criatividade

KEY WORDS

Civics, social networks, Praia da Estação, creativity

Introdução

Considerando que o território é o palco da construção da identidade e da imagética da paisagem urbana, o estudo “*Cívics, Redes Sociais, Espaço e Poder: relações criativas*”, pretende caracterizar e reflectir sobre as formas de dar a ver o território e de habitar o espaço urbano, através de uma formação pedagógica e cívica dos cidadãos, ancorada nas redes sociais e em processos criativos.

O biólogo e urbanista Patrick Geddes representante do movimento britânico *Town Planning*, precursor do planeamento regional, seguidor da *Théorie Social* e da *École des Voyages* de Frédéric Le Play procurou fomentar o valor cívico urbano do habitante através de exercícios do olhar sobre o território e através de mostras urbanas, criando o conceito de *cívics*. Patrick Geddes parte do estudo das relações de simbiose conceptualizadas na biologia como processos de entreaajuda entre espécies com um objectivo comum, e aplica-as à cidade e aos seus habitantes. Entre 1880 e 1888 P. Geddes trabalha na reabilitação do centro de Edimburgo, particularmente no complexo Ramsay Gardens transformando-o em apartamentos, em residências universitárias e em ateliers para artistas, iniciando um pioneiro processo de gentrificação. Para Patrick Geddes “a planificação urbana é também um exercício de cidadania, um exercício cívico, que deve mobilizar a população previamente sensibilizada” (Emelianoff, 2000-2001: 87), através da realização de exposições, da organização de museus, e de políticas de instrução cívica para todas as idades.

Influenciado pelos inquéritos da Escola de Le Play, nomeadamente os inquéritos ao território, Patrick Geddes constrói um *corpus* documental simultaneamente retrospectivo e prospectivo, essencialmente visual e gráfico. Este manancial de conhecimento, segundo Geddes, devia ser exibido num espaço que estabelecesse “uma função de mediação entre o indivíduo e o seu meio urbano, social e geográfico” (Chabard, 2008: 112). Com esse objectivo Patrick Geddes em 1892 compra em Edimburgo uma torre que já tinha funcionado como observatório, e transforma-a na *Outlook Tower*, um observatório cívico, concebido como um museu vivo da cidade e também como um laboratório de estudo sociológico e regional, no qual o olhar, o ponto de vista se converte numa ferramenta pedagógica. Na *Outlook Tower*, “ponto de referência para a educação da consciência cívica” (Sica, 1981: 33), a visita iniciava-se pelo topo, na cúpula, onde estava instalada a câmara escura que ensinava a ver, instigando a um estudo mais minucioso; de seguida no terraço, eram permitidos diversos pontos de vista, podendo-se avistar toda a região; os sucessivos pisos que se desciam davam a conhecer diversas cidades do mundo, revelando o seu desenvolvimento urbanístico. Em 1911 organiza a *Cities and Town Planning Exhibition*, uma exposição itinerante de urbanismo onde pretendia exibir a “evolução das cidades como um lento processo cívico, envolvendo todo o território regional como todos os seus habitantes e suas actividades” (Chabard, 2008: 78, 112).

Para além do conhecimento histórico, consideramos que é necessário captar as tendências coevas e entender os fenómenos em marcha dentro do processo de constante transformação da paisagem urbana. Para tanto, tomamos como objeto de estudo um movimento político-cultural de carácter popular e lúdico,



designado por Praia da Estação, realizado na Praça Rui Barbosa, conhecida como Praça da Estação, na cidade de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, Brasil.

O movimento originou-se a partir de um decreto publicado pelo prefeito da cidade de Belo Horizonte proibindo eventos de qualquer natureza na Praça da Estação. A partir de então, cidadãos começaram a ocupar o espaço com manifestações lúdicas e culturais como forma de protesto. Desde então, a Praia da Estação tornou-se um dos maiores movimentos culturais da cidade. Um protesto de carácter lúdico, no entanto, assertivo. Um ato de desobediência civil que faz do espaço um ponto de encontro, principalmente de integrantes da classe criativa, como músicos, arquitetos, fotógrafos, publicitários, gestores e produtores culturais, atores, artistas plásticos além de sociólogos, antropólogos, entre outros.

Objetivos

Partindo do conceito operativo *civics* de P. Geddes, este trabalho propõe-se analisar a mediação dos espaços públicos e a relevância do seu papel nas interações socioculturais contemporâneas, em que a legitimação e o reconhecimento do valor cultural geram o enriquecimento criativo dos indivíduos, a capacidade de geração de produtos imaginativos e inovativos de carácter simbólico e a transformação da paisagem urbana, tomando como objecto de estudo o Movimento Praia da Estação.

Metodologia

Para a proposição do modelo de metodologia da pesquisa, o processo de investigação buscou integrar a análise indutiva, tendo como objetivo obter conclusões gerais a partir das premissas individuais. A estratégia de investigação foi realizada a partir da pesquisa qualitativa-intensiva a sustentar-se num paradigma urbano que esteja articulado com as manifestações políticas-culturais e a dimensão destas nos espaços públicos.

Para tanto, foram realizadas entrevistas não estruturadas com os participantes da manifestação, pautando-se pela flexibilidade e pela busca do significado na concepção do entrevistado. Os entrevistados escolhidos foram aqueles que participavam desde o início do protesto ou que estivessem envolvidos em atividades culturais e/ou criativas, com o objetivo de analisar o percurso da manifestação desde a sua concepção até aos dias de hoje, e também, de classificá-los como integrantes da classe criativa.

Em tal situação, é importante a utilização de registros imagéticos documentais já existentes, como também, registros a serem produzidos sobre identidades culturais e sociais de comunidades e grupos, a partir de suas representações estéticas e valores simbólicos. Desse modo, é possível ter formas de narrativas não verbais como elemento de análise e interpretação de identidades culturais, estruturando uma relação consciente entre imagem e realidade.



1. Movimento Praia da Estação

A icónica Praça Rui Barbosa, popularmente conhecida como Praça da Estação, passou por uma expressiva revitalização no final do século XX e início do século XXI. A sua reinauguração ocorreu a 12 de agosto de 2004. Nesse mesmo ano, a Prefeitura de Belo Horizonte (PBH) lançou o projeto “Centro Vivo - Plano de Reabilitação de Belo Horizonte”, com o objetivo de se criar ali um espaço cultural. Entretanto, em dezembro de 2009, a PBH, liderada pelo prefeito Márcio Lacerda, publicou um decreto proibindo eventos de qualquer natureza na Praça Rui Barbosa.

Decreto nº 13.798 de 09 de dezembro, 2009 - O Prefeito de Belo Horizonte, no exercício de suas atribuições legais, em conformidade com o disposto no art. 31 da Lei Orgânica Municipal, considerando a dificuldade em limitar o número de pessoas e garantir a segurança pública decorrente da concentração e, ainda, a depredação do patrimônio público verificada em decorrência dos últimos eventos realizados na Praça da Estação, em Belo Horizonte, DECRETA: Art. 1º - Fica proibida a realização de eventos de qualquer natureza na Praça da Estação, nesta Capital. Art. 2º - Este Decreto entra em vigor no dia 1º de janeiro de 2010 (Diário Municipal do Município de 10 de dezembro, 2009).

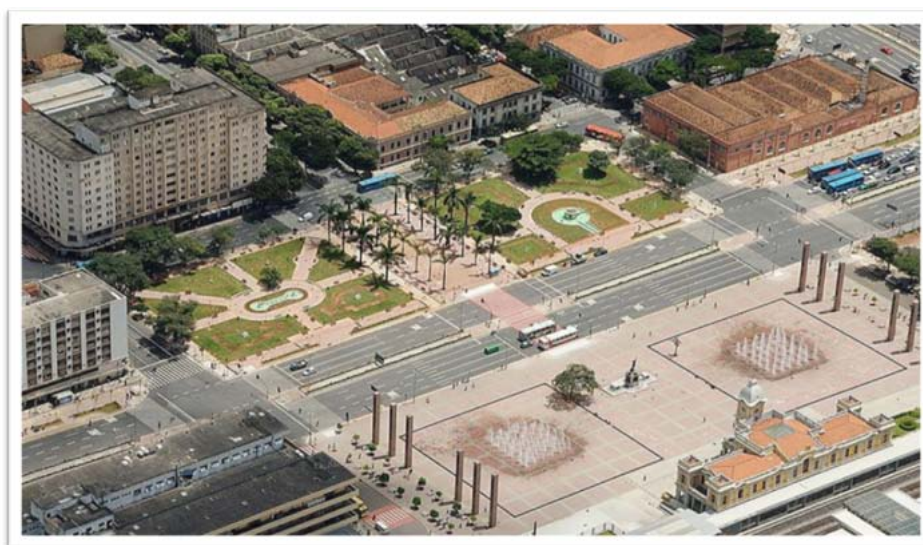


Figura 1 – Praça Rui Barbosa revitalizada, Fonte: ©belarq.com.br.

De imediato, a decisão encontrou forte oposição dos cidadãos, que começaram a discutir, nas redes sociais, sobre a decisão autoritária do prefeito e a possível gentrificação que poderia ocorrer com a aplicação do decreto.

O movimento iniciou-se com um protesto chamado “Vá de Branco”, organizado nas redes sociais, que ocorreu no dia 7 de janeiro, reunindo cerca de 50 pessoas que procuravam respostas do poder público em

relação à decisão de proibir eventos de qualquer natureza na Praça da Estação (Global Voices Brazil).



Figura 2 – Imagem divulgada nas redes sociais para o encontro “Vá de Branco”, Fonte: ©vadebranco.blogspot.com

Nota-se a importância dada ao cenário urbano como espaço de comunicação e a sua relação com a produção cultural, como relata Milena Migliano (2013), participante do movimento, no seu artigo escrito à Universidade Federal da Bahia.

[...] compartilhávamos a insatisfação em ter um prefeito autoritário que tem como objetivo a espetacularização urbana tendo a especulação imobiliária como meta diretriz do planejamento da cidade ao invés de potencializar os espaços públicos enquanto lugares para o encontro da diversidade cultural, econômica e social. A primeira reunião pública foi a definição de criarmos uma lista de e-mails e posteriormente um blog na internet, que teria o login aberto para quem quisesse postar (Migliano, 2013: 43).

Nesse encontro, ficou assente para os manifestantes, a necessidade de iniciar um movimento de raiz popular não partidário e a favor de uma cultura local e gratuita. E das discussões que se seguiram, surgiu a ideia do movimento “Praia da Estação – A Praça é Nossa”. Assim, os ativistas decidiram marcar encontros na praça aos sábados, com piqueniques, bebidas, biquínis e calções, toalhas, chapéus, tambores e guitarras. “O convite incitava a ação lúdico-política na praça, já que a ideia era ocupar a praça para viver um dia de praia, encontros inusitados e de muita conversa sobre o decreto” (Migliano, 2013: 43).

DECRETO Nº 13.798 DE 09 DE DEZEMBRO DE 2009 do nosso digníssimo prefeito de Belo Horizonte, Marcio Lacerda, proíbe que aconteça qualquer tipo de evento na Praça da Estação. A pergunta permanece: a quem interessa que os espaços públicos sejam apenas pontos de passagem e consumo? Se nos é negado o direito de permanecer em qualquer espaço público da cidade, ocuparemos esses espaços de maneira divertida, lúdica e aparentemente despretensiosa. Traga sua roupa de banho (bermuda, calção, biquíni, maiô, cueca), boias, cadeiras, toalhas de praia, guarda-sol, cangas, farofa e a vitrolinha... Traga tambores e viola! Traga comida para um banquete coletivo! Onde? Praça da Estação - Hipercentro de Belo Horizonte. Quando? Sábado, 16/01/2010, 09h30min. Quanto? De graça! (BH Não Lugares)

Nesse cenário, os manifestantes criaram os *Eventões*, convocando a população a levar à praça eventos de qualquer natureza, contrapondo-se ao artigo 1º do decreto. A primeira Praia da Estação foi realizada no dia 16 de janeiro de 2010 e a partir dessa data foi instituído o encontro para todos os sábados do verão.



Figura 3 – Imagens divulgadas nas redes sociais para a primeira Praia da Estação, Fonte: ©midiaindependente.org.

As trocas de experiências e o vínculo afetivo estabelecido entre os participantes do movimento mostram-se bastante fortes em alguns discursos, evidenciando o seu caráter identitário. Em entrevista dada à SescTV, o antropólogo e produtor cultural Rafael Bastos ressalta:

É interessante. O chamado falava para as pessoas trazerem adereços, biquínis, caixa de isopor, prancha, boia. Elementos que pudessem de alguma forma compor esse momento, além de cartazes ou faixas, que pudessem de alguma forma informar às pessoas que transitavam, que passavam por aqui, do que se tratavam. A gente já estava se preparando para refrescar e aplacar o calor com a água da fonte. Mas pensamos que poderia haver o boicote da prefeitura e as fontes serem desligadas. E foi o que aconteceu. As fontes foram desligadas. Nós “passamos o chapéu”, fizemos uma “vaquinha” e pagamos o caminhão-pipa. Tivemos o primeiro banho da Praia da Estação com o caminhão-pipa, que acabou virando um grande ícone, um grande símbolo da Praia da Estação aqui em Belo Horizonte. Então, talvez, o banho do caminhão-pipa, do ponto de vista performático, imagético, seja o momento ápice da praia no instante de subversão e ao mesmo tempo de “rasteira” dentro do ato, do gesto deliberado do poder público em tentar minar a intervenção da sociedade, cortando a água das fontes (*Entrevista de Rafael Bastos ao SescTV*)

A repercussão na mídia e a persistência dos manifestantes em continuar o movimento todos os finais de semana, cada vez agregando mais adeptos e outras práticas culturais, fizeram com que a prefeitura reagisse. Instituiu-se uma comissão para rever o decreto e formular uma nova solução para o uso da praça. No dia 4 de maio de 2010, o decreto que proibia os eventos foi revogado. Entretanto, a prefeitura publicou um novo decreto em que estabelecia que os eventos deveriam ser licenciados, cobrando taxas de R\$ 9.600,00 a 19.200,00 para a realização destes, além de exigir que os realizadores deveriam garantir a limpeza da praça, segurança privada, aluguer de sanitários portáteis e grades de proteção dos jardins. Foi determinado,

também, que os realizadores deveriam controlar a entrada da população no espaço público, com recolhimento de alimentos não perecíveis, ou cobrando ingressos distribuídos previamente em outro espaço da cidade. O novo decreto não satisfaz a vontade dos manifestantes.



Figura 4 – Imagem Praia da Estação, janeiro de 2010, Fonte: ©pracalivrebh.wordpress.com.

Durante os encontros de janeiro de 2010, os manifestantes decidiram realizar um bloco de carnaval do movimento. Na altura, a prática cultural do carnaval de rua em Belo Horizonte, era praticamente inexistente. O ressurgimento foi estimulado por foliões que, em 2009, sem liberação no trabalho durante o feriado ou mesmo sem recursos financeiros para viajar para outras festas de carnaval, realizaram dois blocos – Tico-Tico e Peixoto – e saíram às ruas nos dias da festa, ocupando comunidades da cidade com marchinhas políticas, instrumentos musicais e fantasias. É importante ressaltar que esse movimento, por menor que fosse na altura, também foi de natureza político-cultural.

Com a resistência do movimento, em setembro de 2011, o prefeito Lacerda sancionou, enfim, aquela que ficou conhecida como Lei da Praça Livre, que permite a realização de eventos de pequeno porte nos espaços públicos da cidade, sem depender de autorização municipal. Àquela altura, a Praia da Estação já se tinha firmado como ponto de encontro e debates sobre os novos rumos da cultura na cidade, permitindo a partir disso, a organização de muitas articulações alinhando discursos com alguns grupos artísticos.

A Praia da Estação gerou vários outros pontos de debate em relação à ocupação dos espaços públicos da cidade, além de ter agregado um imenso número de pessoas da classe criativa, que aproveitaram tal encontro para gerar novas formas de manifestações culturais, como o surgimento de novas bandas, coletivos de arte e produção cultural, como relata Janaína Macruz, produtora cultural e banhista da praia:

[...] depois disso acontece uma coisa maravilhosa que, para mim, 2010 é um marco na cidade de Belo Horizonte. A praia fez com que as pessoas que estavam fazendo coisas na cidade, engajadas tanto em movimentos políticos e sociais quanto artisticamente, se encontrassem e se conhecessem. Eu falo assim, mesmo na área da cultura. A gente, a galera da música, a galera

do teatro se conheceu um ao outro. De repente se formou uma rede na cidade. A partir daí, um foi conhecendo o trabalho do outro, de levar coisa para a rua, e essa vontade de estar na rua também, se apropriar da cidade, transformou numa grande rede (entrevista de Macruz, 2014)



Figura 5 –Imagem Praia da Estação, janeiro de 2010, Fonte: ©imaginacopa.com.br.

Bruno Medeiros, músico, e Matheus Rocha, músico e produtor cultural, relatam que a praia é um lugar de artistas de vários nichos e que o movimento proporcionou o encontro de várias pessoas, no caso deles, vários músicos. Bruno conta que a partir do movimento inaugurou-se o ateliê Alcova Libertina. “Muitos amigos começaram processos relacionados a bandas e até blocos de carnaval que continuam hoje e são referências na cidade” - relata Bruno.

[...] a praia tem várias coisas. Muita gente se juntou. O Estrela pode-se dizer que é um filho da Praia. Mesmo nós, da Casinha (Cenro Cultural), começamos a fazer coisas na rua. O pessoal do Sensacional... eu não sei ao certo as datas, mas tudo coincide nessa época. [...] É gente nova com essa noção de pertencimento da cidade, onde as trocas acontecem, as pessoas que se conhecem, que fazem coisas novas e que movimentam toda a cultura da cidade. Essa coisa do encontro, acho que o grande lance foi esse, [...] encontrar, trocar ideias e propor coisas novas (entrevista de Rocha, 2014).

Um grande movimento cultural da cidade, já existente no entorno da Praça da Estação, que se fortaleceu a partir de 2010, foi o Duelo de MCs, que é hoje considerado o maior movimento de *rap* e *hip hop* do Brasil. Desde 2007, o *hip hop*, o *rap* e outras culturas de rua estabeleceram-se embaixo do Viaduto Santa Tereza, e fizeram dali local de encontro e convivência. Em 2012, surgiu o grupo Real da Rua e, em parceria com a organização não governamental (ONG) Pacto e a Família de Rua – coletivo dos realizadores do evento em questão –, objetivou solucionar problemas em relação à manutenção do evento, como: iluminação, limpeza e segurança. Essas demandas começaram a surgir devido ao crescimento do público, que ao longo dos anos se foi diversificando e crescendo. O Duelo de MCs continua a ser uma das maiores referências de cultura de

rua não só da cidade, mas do Brasil. Um dos exemplos é que atualmente, Belo Horizonte recebe as finais dos campeonatos nacionais de *rap* ou também chamado Duelo de Mcs.



Figura 6 – Imagens divulgadas nas redes sociais, Fonte: © facebook.com/RealdaRua?fref=ts.

Outro movimento político-cultural de destaque é o Espaço Comum Luiz Estrela, que foi influenciado pelos encontros da Praia da Estação, como mostrado anteriormente no depoimento do produtor cultural Matheus Rocha. O espaço caracteriza-se como um lugar de criação e compartilhamento artístico, político/cultural. Surgiu em 26 de outubro de 2013 a partir de uma ocupação lúdica, de um imóvel público pertencente à Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais que se encontrava abandonado há mais de 20 anos. Artistas, a maioria frequentadores da Praia da Estação, promoveram uma das primeiras ocupações culturais do Brasil, proporcionando à cidade diversas atividades culturais por intermédio dos seus núcleos: de memória e restauração, teatro e hospedagem criativa. Há também projetos de pedagogia libertária, comunicação, artes expandidas e audiovisuais.



Figura 7 – Figura do primeiro dia de ocupação do Espaço Comum Luiz Estrela, Fonte:© outraspalavras.net

É importante salientar, neste contexto, o ressurgimento do carnaval de rua de Belo Horizonte. A cidade possuía no seu cronograma festivo oficial, o desfile das escolas de samba pontuado numa pequena parte da Avenida Afonso Pena, uma das principais vias arteriais da cidade. Em oposição às iniciativas municipais, os

jovens da capital mineira propuseram um carnaval que motivasse os próprios moradores da cidade a ocupar as ruas para festejá-las e para reivindicá-las, reativando algo de essencial no carnaval brasileiro que se havia perdido na cidade: a sua irreverência e espontaneidade.

Em 2010, impulsionados pelos eventos da Praia da Estação, surgiu então, a sua versão em bloco carnavalesco, caracterizada pelas músicas de carnaval com alto teor político.



Figura 8 – Imagem retirada do Jornal Estado de Minas, Fonte: ©Otempo.Com.br.

Ao longo dos anos, tal como a Praia da Estação, o carnaval foi ganhando força, destacando-se no cenário estadual e nacional. Em 2012, a BeloTur - Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte – começou a cadastrar os blocos de carnaval. De acordo com o *site* da Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte, 24 foram cadastrados em 2012. Calcula-se que 70 blocos, sendo 46 oficialmente cadastrados, tenham saído às ruas em 2013. No ano de 2014, inscreveram-se 132 blocos no *site* da BeloTur e em 2015 foram 177 os inscritos com a estimativa de que 200 blocos percorressem as ruas da capital, número que reflete o crescimento de público, potencializando o turismo na cidade.



Figura 9 – Imagem retirada do Jornal Estado de Minas, Fonte: ©em.com.br.

1.1. Corredor cultural

A Prefeitura de Belo Horizonte oficializou, em junho de 2014, a criação da Zona Cultural Praça da

Estação, por meio do Decreto 15.587/2014, publicado no “Diário Oficial do Município” (DOM). A decisão, de acordo com os governantes da cidade, pretende estimular a realização de eventos de pequeno e médio porte, priorizando produtores e artistas locais. A ação surgiu a partir do projeto do Corredor Cultural, que previa várias intervenções urbanísticas na área. Apresentado em 2012, o corredor não recebeu verbas do Programa de Aceleração do Crescimento das Cidades Históricas e, por isso, foi readaptado.

Entretanto, produtores culturais, artistas, comerciantes locais, entre outros, reagiram à publicação da prefeitura, argumentando que o corredor cultural, na região proposta, já existia e que o projeto em questão era de caráter higienista, pretendendo transformar a área num circuito elitizado, gerando gentrificação na região, como relatou a arquiteta Natacha Rena, em entrevista ao Jornal O Tempo:

Quando surgiu a ideia do corredor cultural, falava-se em uma mistura entre a Lapa carioca e Puerto Madero (em Buenos Aires), sugerindo mais uma réplica de um modelo urbanístico presente em diversas partes do mundo. Como resposta a essa ideia, houve uma ampla convocação popular, incluindo grupos até então deixados de fora da discussão, como a classe artística da cidade, assim como pequenos comerciantes e os próprios moradores de rua (entrevista de Natacha Rena, ao Jornal O Tempo).

Então, foi criado o evento “A Ocupação Cultural: O Corredor Cultural Já Existe”. Palestras, debates, *performances*, apresentações musicais, pequenas feiras, exposições de poesia, intervenções políticas e sessões de vídeo foram algumas das ações que foram realizadas no evento. De acordo com Gustavo Bones, em entrevista ao Jornal O Tempo, esses tipos de eventos na cidade colaboram para os agentes culturais levarem o debate político nos espaços públicos

Essa junção entre cultura e política faz mesmo parte de um horizonte que se apresenta à capital mineira. Vejo claramente que muitos agentes culturais estão recuperando essa função histórica da arte, que é levar o debate político à arena da cidade, ocupando, a partir de diferentes estratégias, os vários espaços públicos aos quais devemos ter acesso” (entrevista de Gustavo Bones ao Jornal O Tempo).

Observa-se então, que os locais de circulação, de encontro e de manifestação impõem-se como potência para o sujeito produzir a si mesmo, já que o compartilhamento de desejos, ideais e conflitos transforma o espaço em artefato cultural em linguagem urbana, gerando acesso à cultura e desenvolvendo a criatividade coletiva.



Figura 10 – Poster da coleção do grupo Indisciplinar, Fonte: blog.indisciplinar.com

Os movimentos socioculturais vêm crescendo gradualmente na cidade. Nota-se, também, que diversas manifestações de ocupação urbana começaram a surgir a partir de 2011, um ano após a primeira Praia da Estação, muitos deles sendo realizados no entorno da Praça Rui Barbosa.

Por meio de um exercício sócio-histórico, devemos compreender os eventos, não como uma simples circunstância, mas como um acontecimento envolto em determinadas características da sua época. Mas não podemos desconsiderar a importância e a singularidade de cada uma nos contextos que surgiram. Essas manifestações de ocupação na cidade assumem-se como espaço para discussão de reformulação dos modos de viver em sociedade, a partir do enriquecimento criativo da experiência urbana.

Conclusões

Partidário de uma educação popular que extravase a Academia, e que fomente uma consciência territorial por via dos modos de ver e de dar a ver o território, Patrick Geddes através do seu conceito operativo *civics* promoveu uma relação afectiva com o território, que consideramos dever ser resgatada. O conhecimento do território deve ser parte activa do processo orgânico da formação da paisagem contemporânea. De acordo com o estudo do antropólogo italiano Massimo Canevacci (2004), há uma imprescindibilidade do estranhamento e desenraizamento no conhecer a cidade contemporânea. Esses fatores, segundo o autor, permitem atingir novas possibilidades cognitivas, a partir de um resultado de misturas imprevisíveis e causais entre níveis racionais, perceptivos e emotivos. Essa afirmação que remete ao carácter híbrido da cidade, justifica a procura de que, quem transita nos espaços constrói o seu caminhar, permitindo vivenciar novos encontros. Perceber esses acontecimentos na cidade como pequenos encontros, possibilita a análise do potencial de transformação social que esses eventos evidenciam por meio da ação humana. A multiplicação dos contextos tem consequências significativas para o modo como pensamos a sociedade contemporânea. A realidade

social adquiriu uma fluidez difusa. A atual fluidez dessas oposições refere-se a conceitos e problemas com multiculturalidade, da sociedade aberta, da mobilidade social e da possibilidade de fazer valer pontos de vista marginais. A representação de uma realidade é sempre uma representação ligada a um contexto.

A Praia da Estação, junto com outros movimentos pontuados, mostra a força da cultura como instrumento quando ligada à cidadania e à criatividade. Nessa perspectiva, passando pela compreensão de quadro económico, social e político, incluindo a historicidade do lugar, pode-se perceber que o encontro da classe criativa nos espaços urbanos funciona como elemento catalisador da identidade cultural de uma comunidade urbana bem como da criatividade. É inegável a influência de tais manifestações no imaginário simbólico da população, que passa a compreender a possível desconstrução de estruturas opressoras de poder e que se apercebe do seu papel como agente de tais transformações, rompendo com a usual passividade em que se encontravam. Esses exemplos de transformações ambientais provocadas pelo modo de viver da sociedade contemporânea revelam uma ponderação sobre como o homem se realiza direta e indiretamente em uma relação dialógica com o espaço que ocupa.

Referências

- Alyssa, F. (2010/1/14). Praia na Praça da Estação [BH não-lugares]. Retrieved from: bhnaolugares.blogspot.pt/2010/01/prai-na-praca-da-estacao.html
- Amorim, Patricia (2015), *Cidades Criativas Espontâneas* (Master's thesis). Lisboa: ISCTE-IUL
- André, P. (2013) *Por uma pedagogia do território: resgatar o conceito «civics» de Patrick Geddes. Para uma ética do território*. In, 3º Seminário Internacional "Arquiteturas do Mar". Lisboa: FAUTL
- Canevacci, M. (2004) *A Cidade Polifônica: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo, Brasil: Nobel
- Chabard, P. (2008) *Exposer la ville. Patrick Geddes (1854-1932) et le Town planning movement (Doctoral Dissertation)*. Paris: Université Paris 8, Vincennes-Saint Denis (2 vols).
- Dematteis, G. (1995) *Progetto Implicito. Il contributo de la geografia umana alle scienze del territorio*. Milano: Franco Angeli.
- Emelianoff, C. (2000-2001) L'écologie urbaine entre science et urbanisme. *Quaderni*, Vol(43), 85-99.
- Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte. Disponível em: belohorizonte.mg.gov.br
- Jornal O Tempo disponível em: <http://www.otempo.com.br/divers%C3%A3o/magazine/o-corredor-cultural-j%C3%A1-existe-1.677784>
- Markum, P. (Creator) & Roisenblit, S. (Creator). (2016). Praia da Estação [Arquiteturas: Praia da Estação BH] In Chagas, L. (Executive Producer). *Arquiteturas*. Retrieved from: arquiteturas.sesctv.org.br/category/praca-da-estacao/
- Migliano, M. (2013), *Praia da Estação Como Ação Política. Bahia, Brasil: Redobra*. Retrieved from: pt.scribd.com/doc/150848641/Revista-Redobra11-Virtual
- Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. (2009). Diário Oficial do Município (Ano XV - Edição No 3481). Retrieved from: portal6.pbh.gov.br/dom/iniciaEdicao.do?method=DetalheArtigo&pk=1017732

- Sica, P. (1981) *Historia del Urbanismo. El siglo XX*. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local.
- Tenreiro, M. (2010/6/4). Brazil: Landlocked Crowds set up a Beach in a Mountain Town. *Global Voices*. Retrieved from: globalvoicesonline.org/2010/06/04/brazil-landlocked-crowds-set-up-a-beach-in-a-mountain-town/